



Turismo de Observação de Aves: um novo olhar sobre o meio ambiente em Mato Grosso do Sul

Birdwatching Tourism: a new look at the environment in Mato Grosso do Sul (Brazil)

Ilsyane do Rocio Kmitta, Susana Arakaki

RESUMO: O estado de Mato Grosso do Sul, privilegiado pela ocorrência dos biomas Pantanal, Cerrado, Mata Atlântica e Chaco, sendo este último limitado ao município de Porto Murtinho, tem se constituído como espaço ímpar para a atividade de observação de aves. Atividade relativamente recente no estado, vem se destacando como possibilidade de exploração do ecoturismo. Prática consolidada no mundo e nacionalmente, o estado acolhe observadores de vários estados e do exterior, interessados nas mais de 800 espécies de aves já catalogados. Todavia, a observação de aves pela população local ainda é recente e teve início após declínio da caça e pesca predatória e a necessidade de viabilizar novas formas de exploração sustentável do turismo no estado. Este trabalho apresenta as características históricas da formação das propriedades rurais e suas formas de exploração econômica. Apresenta a atividade de observação de aves no estado, além de histórico de ações e atores que vêm construindo esse novo segmento a ser explorado interna e externamente. Apresenta o protagonismo feminino na condução das iniciativas que dão visibilidade à atividade.

Palavras-chave: Mato Grosso do Sul; Birdwatching; Mulheres na Ornitologia; Protagonismo feminino.

ABSTRACT: The state of Mato Grosso do Sul (Brazil), privileged by the occurrence of the Pantanal, Cerrado, Atlantic Forest and Chaco biomes, the latter being limited to the municipality of Porto Murtinho, has become a unique space for birdwatching. A relatively recent activity in the state, it has stood out as a possibility for exploring ecotourism. A consolidated practice in the world and nationally, the state welcomes observers from several states and abroad, interested in the more than 600 species of birds and birds already catalogued. However, bird watching by the local population is still recent and began after the decline of hunting and predatory fishing and the need to enable new forms of sustainable exploitation of tourism in the state. This work presents the historical characteristics of the formation of rural properties and their forms of economic exploitation. It presents the birdwatching activity in the state, as well as a history of actions and actors that have been building this new segment to be explored internally and externally. It presents the female role in the conduction of initiatives that give visibility to the activity.

KEYWORDS: Mato Grosso do Sul; Birdwatching; Women in Ornithology; Female Protagonism.

Introdução

*Mas, segundo os arvoredos são mui
muitos e grandes, e de infindas maneiras, não
duvido que por esse sertão haja muitas aves!*

Descrição do Brasil na carta de Pero Vaz de Caminha

Na região Centro-Oeste, a exuberância vegetal mencionada por Caminha na sua famosa carta ao rei de Portugal, permaneceu intacta na região conhecida como Mato Grosso, mesmo com as incursões bandeirantes que por aqui transitavam para capturar indígenas que eram levados à São Paulo para o trabalho escravo nas lavouras. Mesmo com a formação de pequenas vilas, não houve grandes alterações na paisagem natural.

O tráfico diminuiu de intensidade com a descoberta de ouro em Cuiabá e, a seguir, em Guaporé. Com o fim do ouro, a região permaneceu esquecida, com pouca atenção da administração central, em especial a porção sul.

As transformações se deram de forma lenta e gradativa a partir da implementação das relações capitalistas na região, fomentadas pela economia extrativista, principalmente da erva-mate após a Guerra do Paraguai. É neste momento que, segundo Côrrea (2012, p.30), o ambiente natural começa a ser lentamente modificado:

[...] no caso da fronteira sul mato-grossense esse arranque de civilização capitalista, impactante sobre a sua rica e complexa paisagem natural, foi gradativo, mas com efeitos substancialmente transformadores. Essa transformação do meio ambiente fronteiro, para ser bem compreendida, deve ser, portanto, combinada aos fatores históricos contribuintes de sua formação social e econômica, remetendo ao contexto de penetração de assentamentos populacionais pioneiros pelos sertões remotos do Brasil, da expansão das suas fronteiras internas e, ainda, da construção das fronteiras nacionais no âmbito platino.

A alteração do cenário edênico citado na carta de Caminha, deu-se, ainda segundo Côrrea em seus estudos sobre o sul de Mato Grosso, com o uso indiscriminado dos recursos naturais de forma a viabilizar o comércio que utilizava o transporte fluvial para escoamento de produtos extraídos da região. A empresa que detinha o monopólio para extração de erva mate, a Companhia Mate Laranjeira, encontrou no sul de Mato Grosso, condições ideais para implementação de seus negócios: a erva mate nativa, mão-de-obra beirando a escravidão e recursos naturais em abundância. As matas ciliares se transformaram em lenha para abastecer as embarcações a vapor, que circulavam pela bacia do Prata e baixo-Paraguai (CÔRREA, 2012, p.30). Além da economia extrativista, a destruição dos recursos naturais ocorria também na derrubada de matas para formação de roçados: “*Derrubava-se a*

machado árvores de cedro, jacarandás e outras espécies nobres, ateando-lhes fogo” (CÔRREA, 2012, p. 34).

A economia extrativista já em declínio, perdeu espaço nos governos ditatoriais tanto de Getúlio Vargas quanto dos governos militares, com a política de incentivo à ocupação dos espaços no tomados pela economia ervateira.

Violência e mandonismo

A Primeira República foi marcada pela violência e banditismo na região. Segundo Moreno:

A violência foi o recurso utilizado para afirmação das oligarquias, que contaram também com o braço armado dos coronéis, e com uma política fundada no sistema de compromissos. [...] Suas ações vinculavam-se na região norte às lutas pelo predomínio político e econômico, enquanto no sul atrelavam-se mais à posse da terra, quando se intensificou o processo migratório na região (MORENO: 2007, p.44).

Violência e mandonismo que se manteve até o governo Vargas que, com intervenções federais, interferiu diretamente, reprimindo as práticas criminosas que colocavam o estado sob domínio da violência (MORENO, 2007, p. 44). Vargas conhecia intimamente a situação de violência na região: Silvino Jaques, o famoso bandoleiro era seu conterrâneo e veio em fuga para o sul de Mato Grosso após sequência de crimes no estado sulista. Famoso no sul do país, continuou sua vida de crimes no sul de Mato Grosso com seu próprio bando (IBANHES, 2007). Ibanhes narra a trajetória de Silvino Jaques em forma de romance levantando dúvidas sobre a veracidade dos fatos narrados, todavia, as ações de Silvino Jaques e seu bando foram confirmadas (CORRÊA, 1995).

Durante as ditaduras Vargas e militar, foram implantados vários projetos colonizadores, visando transformar a região economicamente, com a exploração agrícola e pecuária. A distribuição de terras a colonos que vieram de diversas partes do país, teve início com a implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados CAND, um modelo da política de colonização varguista. Outras empresas colonizadoras particulares também atuaram ativamente na região do sul de Mato Grosso, fomentando a criação de cidades e ocupação de terras para produção agrícola e pecuária. A atuação de empresas particulares de colonização foi decisiva no processo de ocupação e formação das grandes e pequenas propriedades no extremo sul de Mato Grosso, região que abrigava uma vasta área de mata atlântica.

Novo ataque aos recursos naturais. A derrubada e queimada de densas áreas de matas foi recurso largamente usado para implantação de lavouras nas áreas colonizadas:

Foi, portanto, com a penetração de relações capitalistas, assumindo formas peculiares (convivendo com formas anacrônicas de uso dos solos) na fronteira sul de Mato Grosso que se iniciou um processo de impacto ambiental deformador/transformador de seu exuberante território e da rica e diversificada cadeia vital de sua natureza (CÔRREA, 2012, p.35).

As possibilidades do desenvolvimento econômico e do progresso circulavam por todos os recantos do Centro-Oeste e na planície pantaneira não foi diferente, consolidam-se as grandes propriedades. Surgem novas configurações das paisagens com a Transpantaneira e o turismo desponta como uma atividade tímida, contudo com o passar dos anos torna-se altamente rentável, suscitando novas representações para o espaço pantaneiro. Para o Pantanal, o turismo trouxe também a preocupação de se adequar a natureza às necessidades do visitante, do turista, que buscava na natureza idílica, já inexistente, um refúgio, um deleite.

O Pantanal

Uma imensa planície inundável estava ali, mas, era preciso formatar suas características seculares para que fossem continuamente lapidadas pelas identidades dele emergentes e pelas lentes do turismo que o colocava na vitrine, expondo-o aos mais variados ângulos de visão, por vezes, nada apropriadas.

A exploração agressiva dos pantanais, resulta em fatores como a privatização dos lucros e a socialização das perdas, ameaças à produção, à contaminação dos recursos hídricos, às perdas de solo, ao assoreamento de rios, ao aumento das áreas alagáveis, à perda da biodiversidade, à perda da qualidade de vida e do meio ambiente, para as comunidades que dependem da saúde ambiental dos pantanais, como ribeirinhos, comunidades tradicionais, pescadores, setor de turismo e navegação, além da própria pecuária pantaneira.

Ao governo coube mostrar interesse pelos pantanais, e o turismo era uma opção viável e rentável, mas ainda demandava muitos estudos, pois a natureza do Pantanal seguia um compasso de espera, às vezes por décadas, e não se podia perder de vista essa questão. Além do mais, quem vinha para o Pantanal sabia das enchentes, como também das providências e estratégias que deveria seguir, quando na sua ocorrência, fato que vinha acontecendo desde os anos de 1960 (KMITTA, 2016).

No bioma Pantanal, os ecossistemas são singulares, frágeis, vulneráveis, específicos em cada sub-região, necessitam de muita cautela no uso, carecendo de proteção diante da ação antrópica que exerce pressão mais intensa sobre elas. Seu uso demanda o desenvolvimento de atividades e, em paralelo, estudos que viabilizem tanto a continuidade dessas atividades quanto a preservação do Pantanal, sem, contudo, levá-lo à exaustão, sem ignorar o fato de que o manejo e o uso inadequados levam à erosão laminar que consiste na perda de solo superficial e da vegetação que atua como camada protetora e absorvente de nutrientes para sua

regeneração. Não se trata de descartar, em absoluto, a importância da utilização do Pantanal para o desenvolvimento de atividades econômicas como a pecuária e o turismo, no entanto, faz-se necessário atentar para a sua biodiversidade e suas fragilidades, seu grau de resiliência.

Como um patrimônio nacional, o bioma apresenta um espetáculo primoroso da natureza. Uma paisagem que foi adornada pela exuberância midiática para o turismo, que começou a ganhar suas primeiras nuances a partir da enchente de 1974. Apesar de que nos anos de 1960, o Pantanal já havia despontado, face a intensidade do comércio ilegal de peles como de jacaré e peixes. Relevante salientar que a caça predatória e o comércio ilegal de peles vinham ocorrendo desde os primórdios da província de Mato Grosso e foi adentrando até a década de 1980 (KMITTA, 2016).

Citamos como exemplo da comercialização de peles, a reportagem que encontramos na página vinte e três do Jornal O Estado de São Paulo, de 02 de fevereiro de 1957, uma matéria sobre a proibição da caça de cervos no território nacional, na qual o presidente do serviço de caça e pesca apresenta os números de peles de animais comercializadas, totalizando 439.246 peles, sendo estas de queixadas, catetos, capivaras, camaleões, cervos, jacarés, jaguatiricas e, desse total, 12.000 eram peles de cervos.

Atividades como a caça e a comercialização de animais silvestres persistiram entre as décadas de 1930-1980. Somente nas décadas seguintes é que se começou a praticar um turismo “educativo”, no qual a pesca se consolidou como grande modalidade turística no Pantanal. Associada ao turismo e à pesca, a produção de lixo e de dejetos contribuiu para a contaminação das águas. Avaliamos que o deslocamento da atenção no que tange à degradação ambiental, ao desequilíbrio ecológico provocado no Pantanal, está na sua comercialização, apresentando-se a natureza como mercadoria, produto de consumo, onde as imagens exercem o fascínio ocultando problemas como o lixo, os dejetos e os resíduos deixados pelos barcos, além das práticas abusivas nas atividades turísticas como trilhas e cavalgadas, caçadas e pesca predatória, poluição e contaminação das águas, sem deixar de mencionar a prostituição incentivada por hotéis, barcos pesqueiros e agências de turismo (KMITTA, 2016).

As considerações acima expostas, alertam para a importância de pensar a atividade econômica como o turismo voltado para ações conjuntas de preservação da natureza. O ecoturismo se apresenta como uma solução viável e que possibilita um contato prazeroso com a natureza. Conforme estabelecido na Lei Estadual n. 2.135/2000:

No estado de Mato Grosso do Sul, através dos dispositivos legais e normativos, o ecoturismo é definido como o segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentivando sua conservação e buscando a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar da população[...] (KLEIN *et al.*, 2011, p. 312).

É factível, que o ecoturismo no estado, foi pensado como uma dinâmica de desenvolvimento econômico, promovendo a demanda local, de modo a valorizar as comunidades locais e segmentos alinhados, como escolas e universidades, cuja produção tem vieses de sensibilização e da proteção ambiental voltadas para a sustentabilidade, para a cultura e patrimônio histórico. Como aponta Sandra Pelegrini [...] *“o movimento em prol do direito e da proteção ao meio ambiente se irradiou através da comunidade científica e acabou difundido entre organizações não-governamentais que passaram a reivindicar melhor ‘qualidade de vida’ no planeta [...]”* (PELEGRINI, 2006, p. 118).

Ademais, a Educação Ambiental encontra-se intrínseca nesse contexto, pois

[...] admite-se que a Educação Ambiental está ligada à prática do ecoturismo assim como o ecoturismo está ligado a fatores de desenvolvimento sustentável que necessitam de planejamento, gestão e uma política considerada de alcance para os setores governamentais, as representações da sociedade civil e à iniciativa privada (KLEIN *et al.*, 2011, p. 313).

Aliado às práticas da Educação Ambiental, o ecoturismo se apresenta como atividade econômica rentável e de impacto na economia, não apenas local, mas também estadual. Para tanto:

A educação nesse campo deve iniciar-se pela percepção direta de que o patrimônio não se restringe somente aos bens culturais móveis e imóveis representativos da memória nacional, como monumentos, igrejas ou edifícios públicos. Pelo contrário, o conceito de patrimônio cultural é muito mais amplo, não se circunscreve aos bens materiais ou às produções humanas, ele abarca o meio ambiente e a natureza, e ainda se faz presente em inúmeras formas de manifestações culturais intangíveis (PELEGRINI, 2006, p. 125-126).

Destarte, versando maiores aplicações de recursos e a permanência de grupos ligados a segmentos e práticas ecoturísticas, como o avistamento de aves.

Turismo de observação de aves em Mato Grosso do Sul

Há muito se tem discutido o turismo, pois este se apropria da cultura e a partir dela promove as socioculturalidades, no entanto, não deve atuar como um rolo compressor colocando em risco habitats e natureza local.

Para entendermos melhor,

Foi no início do século XIX que surgiu o termo turismo, e pode-se afirmar que a partir daí foi possível distinguir e agrupar um conjunto de atividades que antes do uso desse termo eram conhecidas por outros nomes. Viagens realizadas por motivos religiosos, terapêuticos, culturais, esportivos ou para participação em feiras existiam há muito tempo, e seus desdobramentos econômicos já eram conhecidos desde a Antiguidade pelos gregos e romanos, e mesmo durante toda a Idade Média. Mas, somente com a criação do termo, e o surgimento da atividade turística propriamente dita, cujo marco é a viagem articulada por Thomas Cook, em 1841, é que um conjunto significativo de fenômenos sociais passaram a ser englobados sob uma mesma palavra – turismo. Os fatos sociais englobados nesse novo termo passam, portanto, a fazer parte de um subconjunto de fenômenos perfeitamente identificáveis que denominamos fenômenos turísticos (DIAS, 2003, p. 12).

Aliado ao econômico, o turismo,

[...] constitui um fenômeno social, dado que implica o deslocamento de grandes contingentes de pessoas que passam a ser habitantes temporários de locais nos quais não residem, ocasionando múltiplos impactos nessa sociedade receptora. E é um fenômeno social também porque faz parte das necessidades criadas pelo mundo moderno. A partir do século XIX, o turismo passou a ser a forma mais procurada de lazer, e, na atualidade, fazer turismo tornou-se uma aspiração de todos os incluídos na sociedade global de consumo (BANDUCCI JUNIOR; BARRETTO, 2003, p. 8).

Tais ponderações são relevantes, posto o fato de que

[...] os estudos científicos de turismo provenientes da geografia e da antropologia [...] evidenciam a forma irresponsável como alguns empresários de turismo vêm tratando o meio ambiente natural e cultural assim como explorando economicamente os turistas – não raro por meio de propaganda enganosa e superfaturamento dos serviços (BANDUCCI JUNIOR; BARRETTO, 2003, p. 10).

O Mato Grosso do Sul, que abrigando 4 biomas: Cerrado, Pantanal, Mata Atlântica e Chaco, este último limitado à cidade de Porto Murtinho, é privilegiado para atividade de observação de aves. Todavia, no estado, a atividade é recente, e se encaixa no ecoturismo.

Abrimos um parêntese para registrar que o Ministério do Turismo, em 2008, elabora e apresenta uma série de documentos orientativos para o desenvolvimento de segmentos turísticos a partir da noção de território que fundamenta o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil,

no qual se insere o Ecoturismo que emerge como proposta voltada para a *“contemplação e preservação da natureza, uma nova maneira de vivenciar e usufruir das paisagens rurais, áreas florestadas, as regiões costeiras entre outros ecossistemas que são vistos como possíveis para um modelo de turismo responsável”* (BRASIL, 2008, p.13).

O ecoturismo, termo introduzido no Brasil nos anos finais da década de 1980, se apresenta como uma atividade rentável, movimentando as economias locais, gerando postos de trabalho, receitas, impostos e inclusão social, contribuindo para a preservação e Educação Ambiental. Como os aspectos que o caracterizam são peculiares, ou seja, são recursos naturais, a atividade do *“ecoturismo exige estudos e referenciais teóricos e práticos, suporte legal que orientam processos e ações para seu desenvolvimento, sob os princípios da sustentabilidade”* (BRASIL, 2008, p. 14).

Ao envolver qualidade de vida e inclusão social, o ecoturismo adere à premissa de uma atividade que se materializa pela interação do ambiente de forma sustentável. E, em 1994, A Embratur e o Ministério do Meio Ambiente publicam as Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, o turismo ecológico foi conceituado como:

Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações (BRASIL, 2008, p. 16)

Suas premissas se articulam versando: o uso sustentável dos atrativos turísticos; ética e equidade para com as comunidades locais; integração ao meio ambiente natural, cultural e humano, respeitando a fragilidade que os caracteriza; uma inter-relação vivencial com o ecossistema, com os costumes e a história local; distribuição dos benefícios advindos da atividade turística para as comunidades receptoras, tornando-as protagonistas do desenvolvimento local; o ecoturismo assenta sobre o tripé interpretação, conservação e sustentabilidade. O Ecoturismo pode ser entendido como as atividades turísticas baseadas na relação sustentável com a natureza, comprometidas com a conservação e a Educação Ambiental (BRASIL, 2008, p.18).

A observação, compõe o rol de atividades praticadas no segmento do Ecoturismo, sendo descrita como: exame minucioso de aspectos e características da fauna, flora, formações rochosas e outros, que exigem técnicas de interpretação ambiental, guias e condutores especializados, equipamentos e vestuário adequados, e quanto a observação de aves, encontramos a seguinte descrição:

[...] também conhecida como *birdwatching*, demanda equipamentos específicos, cujo uso não é imprescindível, mas facilita e aumenta o

aproveitamento da atividade. A observação de aves, nos mais variados aspectos de sua prática, ainda é pouco desenvolvida no Brasil, mas com perspectiva de se configurar em produto de destaque no mercado internacional, já que o País ocupa o terceiro lugar no mundo em matéria de diversidade no gênero, com um total de 1.700 espécies, das quais 182 endêmicas. (BRASIL, 2008, p. 22).

A atividade, no estado, teve início com a formação de pequenos grupos de pessoas interessadas no avistamento de aves. Aos biólogos, ornitólogos, profissionais do turismo e ambientalistas, somaram-se os interessados em aves que praticavam a observação individualmente. Juntos, formaram clubes de observadores, estudaram formas de viabilizar a atividade, buscaram parcerias e formas de popularizar a prática, de modo a torná-la uma atividade economicamente viável a ser adotada nas cidades do estado, não somente naquelas com vocação turística.

Campo Grande, a capital do estado, local de passagem de turistas para outros destinos turísticos, foi transformada na capital brasileira do turismo de observação de aves. O intenso trabalho de biólogos e ornitólogos e demais cientistas, identificou cerca de 400 espécies, evidenciando o potencial da cidade para a prática de observação de aves. Na avifauna urbana da cidade, destacam-se as espécies de arara-azul, vermelha e canindé, que levou à criação do projeto Aves Urbanas – Araras da Cidade, pelo Instituto Arara Azul, com objetivo de estudar as espécies e envolver a sociedade na interação com as aves (MAMEDE; BENITES, 2018).

O Instituto Arara Azul foi criado pela bióloga Neiva Guedes, cujo trabalho de preservação é reconhecido mundialmente. Em 1990 a bióloga criou o Projeto Arara Azul, no âmbito de sua pesquisa de mestrado sobre biologia reprodutiva da arara azul no pantanal. Muito além de apenas estudar, Neiva Guedes criou uma rede de proteção da espécie, já em perigo de extinção, estabelecendo parceria com proprietários rurais, monitorando ninhos artificiais e naturais nas fazendas.

Em 2004 a bióloga criou o Instituto Arara Azul, com sede em Campo Grande para respaldar as ações e projetos relacionados à preservação da arara azul e de várias outras espécies. O trabalho de monitoramento de araras estendeu-se para o centro urbano de Campo Grande. O instituto atua junto à população local, promovendo ações de Educação Ambiental e orientando no manejo das aves. O trabalho da “mulher das araras” ganhou reconhecimento local e mundial.

A atividade de observação de aves, de forma organizada, teve início com a criação do Clube de Observadores de Aves de Campo Grande – COA CG, em agosto de 2012. No ano seguinte, a capital sediou o evento AVISTAR MS.

Com o título *Estado recebe a primeira edição da feira internacional de observação de aves: cores & penas – Cerrado & Pantanal*, o jornal Campo Grande News anunciou o evento organizado pelo COA CG, Instituto

Mamede, Sindicato dos Guias de Turismo do Mato Grosso do Sul e Photo In Natura e Convention & Visitor Bureau.

O evento AVISTAR MS deriva do AVISTAR BRASIL – Feira Internacional de Observação de Aves que neste ano de 2022, está na 16ª edição. No Mato Grosso do Sul, foram realizados dois eventos Avistar (MAMEDE; BENITES, 2018).

O exposto, leva ao entendimento que no turismo de observação de aves:

[...] implicam contato humano e cultural, trocas de experiências entre os viajantes e a população local. Essa parece ser a essência mesma do turismo, pois, principalmente com as novas tecnologias, quase tudo se poderia fazer sem sair de nosso ambiente, tanto descansar quanto aprender uma língua estrangeira. Em princípio, portanto, as pessoas só decidem viajar se e quando querem entrar em contato com outros costumes e maneiras de viver, com outros povos e culturas, com outras realidades (FUNARI; PINSKY, 2002, p. 7).

O Ecoturismo e, em especial, o turismo de observação de aves passa a integrar diversas ações governamentais. Órgãos governamentais passam a tratar a atividade como possibilidade efetiva de disseminação das boas práticas ambientais. A atividade entra para a programação dos principais eventos realizados no estado como eventos culturais, festivais e feiras.

Objetivando maior visibilidade, observar aves passa a integrar a programação do FESTIVAL DE INVERNO DE BONITO, um dos principais eventos culturais realizados pelo governo estadual.

A cidade de Bonito, considerada a capital nacional do ecoturismo é uma das cidades mais procuradas para o turismo de contemplação. Situada na Serra da Bodoquena, atrai milhares de visitantes que buscam suas inúmeras cachoeiras, rios límpidos e natureza cuidadosamente preservada.

Mas a serra da Bodoquena, além de belezas naturais, também abriga cerca de 400 espécies de aves e pássaros das cerca de 650 espécies existentes em todo estado de Mato Grosso do Sul. E é nesse paraíso que acontece o Festival de Inverno de Bonito desde 1999, evento parte do calendário do estado. Mostra de cinema, teatro, artes plásticas durante o dia e atrações culturais à noite na praça da cidade. Artistas nacionais renomados e artistas locais brilhavam nos festivais.

A preocupação com a preservação ambiental e sustentabilidade passa a fazer parte da programação do festival com a oferta de vários cursos e oficinas, entre elas, a oficina de observação de aves.

As oficinas ministradas pelas biólogas Maristela Benites e Simone Mamede, do Instituto Mamede de Pesquisa Ambiental e Ecoturismo, são destinadas principalmente aos guias de turismo da região. O guia é um elemento fundamental para o observador de aves.

O Festival da América do Sul, outro evento parte do calendário cultural do estado, realizado na cidade de Corumbá também recebe as oficinas de capacitação para formação de guias. Além das oficinas, além da parte teórica, leva os interessados à campo para observar as aves na prática.

O engajamento das biólogas Simone Mamede e Maristela Benites pode ser mensurado na realização do Global Big Day ou Dia Mundial para Observação de Aves, ocorrida no dia 09 de outubro de 2021. Global Big Day, observadores de aves de todo planeta se concentram durante 24 horas para avistar e registrar o maior número de aves possíveis.

Mobilizando pessoas via grupo de WhatsApp, Mamede e Benites conseguiram a participação de observadores de vinte municípios do estado que produziram, 72 listas de aves catalogadas. O entusiasmo das biólogas foi pela extensão geográfica de municípios participantes, quase sempre limitada ao eixo Bonito – Pantanal. Com efeito, a participação de municípios como Coxim e Iguatemi aponta para a prática de avistamento de aves ocorrendo desde o norte ao extremo sul ao estado.

Outro evento envolvendo o tema observação de aves foi a exposição fotográfica virtual, realizada pelo Museu de Imagem e Som- MIS de Mato Grosso do Sul em conjunto com o Instituto Mamede durante a Semana de Meio Ambiente em junho de 2020. A exposição *Protagonismo Feminino na Observação de Aves* reuniu trabalhos de mulheres de várias cidades do estado. Na sua grande maioria, essas mulheres fazem parte do coletivo *Cunhataí Guyrá Mulheres Observadoras de Aves de Mato Grosso do Sul*.

Iniciativa relevante e incentivadora é o concurso *Cine Aves*, promovido pelo Museu de Imagem e som MS – MIS e parceiros desde 2018. Destinado a passarinhos amadores ou profissionais, a terceira edição do concurso ocorreu em 2021 e premiou três vídeos curta metragem produzidos no Mato Grosso do Sul. Um dos curtas premiados foi o vídeo de Kariny Kaori Shikasho, de 10 anos, mas veterana no assunto, ela venceu a segunda edição do concurso. Em 2021. no seu curta premiado *Meu lindo sonho*, a estudante mostra diversas espécies de aves observadas no quintal de sua casa para lembrar que, mesmo em tempo de pandemia, é possível observar aves. Kariny justifica o título de seu vídeo, dizendo que seu sonho sempre foi voar, mas como não tem asas, realiza seu sonho ao ver o voo dos pássaros...

Considerações finais

O Mato Grosso do Sul desponta no cenário nacional como estado voltado exclusivamente para o agronegócio, no entanto, é possível verificar que educação e cultura perpassam vários segmentos que atuam de modo a preservar a natureza, em prol de um equilíbrio ambiental que contribua para o viver bem. Nesse quesito, o avistamento de aves propicia um contato direto com a natureza e aguça a curiosidade no sentido de pesquisar e descobrir a espécie fotografada, seu habitat natural e seus deslocamentos

em busca de alimento e para reprodução, dentre outros aspectos da história natural.

Assim, todo esforço em prol de uma agenda que priorize a cultura e a Educação Ambiental, precisa do apoio da administração pública, universidades, escola, e demais instituições que valorizem e amparem atividades voltadas para a preservação ambiental, que, ao mesmo tempo, lapidem a imagem do estado que versa somente sobre o agronegócio e o conflito pela demarcação das terras indígenas.

Destaca-se neste cenário, a atuação de vários segmentos da sociedade, sobressaindo-se a atuação das mulheres na condução e estímulo das atividades ligadas ao setor.

Referências

BANDUCCI JR, A.; BARRETTO, M. (Orgs.). Introdução. *In: Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. São Paulo: Papirus, 2003. 3ª ed.

BRASIL. Ministério do Turismo. Ecoturismo: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, **Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação**. – Brasília: Ministério do Turismo, 2008

CORRÊA, I. S. **História e fronteira: o sul de Mato Grosso 1870-1920**. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

CORRÊA, V.B. **Coronéis e bandidos em Mato Grosso 1889-1943**. 2ª ed. Campo Grande: UFMS, 1995.

DIAS, R. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2003

FUNARI, P.P; PINSKY, J. Introdução. *In: FUNARI, P.P; PINSKY, J. (Orgs.). Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2002. 2ª ed.

KLEIN, F.M. *et.al.* Educação Ambiental e o Ecoturismo na Serra da Bodoquena em Mato Grosso do Sul. **Revista Soc. & Nat.**, Uberlândia, ano 23 n. 2, 311-321, maio/ago. 2011

KMITTA, I. R., ARAKAKI, S., ZIMMERMANN, T. R. **História Ambiental: configurações do humano e tessituras teórico-metodológicas**. Vitória/ES: Editora Milfontes, 2020.

KMITTA, I.R. Descortinando os pantanais: a construção de um paraíso às avessas entre o limite das águas e dos homens. **Tese** (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. UFGD, 2016.

MAMEDE, S.; BENITES, M. **Porque Campo Grande é a capital brasileira do turismo de observação de aves e propostas para o fortalecimento da cultura local em relação a esta prática**. Disponível em <<https://www.biofaces.com/upload/post/2019/01/1548444465.pdf>> , acesso em 20.02.2022.

MATO GROSSO DO SUL. **LEI nº. 2.135**. Institui a Política para o Desenvolvimento do Ecoturismo do Estado de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências, 14 ago. 2000.

MATO GROSSO DO SUL. **Workshop sobre observação de aves acontece em Campo Grande nesta segunda-feira.** Disponível em <<https://www.turismo.ms.gov.br/workshop-sobre-observacao-de-aves-acontece-em-campo-grande-nesta-segunda-feira/>>. Acesso em 28.02.2022.

MATO GROSSO DO SUL. **Concurso de curta-metragem Cine Aves pretende incentivar novos talentos.** Disponível em <<http://www.ms.gov.br/concurso-de-curta-metragem-cine-aves-pretende-incentivar-novos-talentos/>>. Acesso em 28.02.2022.

MORENO, G. **Terra e poder em Mato Grosso: política e mecanismos de burla 1892-1992.** Cuiabá: EdUFMT, 2007.

MSNORTE. **Mato Grosso do Sul bate novo recorde no dia mundial para observação de aves.** Disponível em <<https://msnorte.com.br/index.php/mato-grosso-do-sul-bate-novo-recorde-no-dia-mundial-para-observacao-de-aves/123?a=novidade&b=mato-grosso-do-sul-bate-novo-recorde-no-dia-mundial-para-observacao-de-aves&c=123>>. Acesso em 10.03.2022.

PELEGRINI, S.C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 26, nº 51, p. 115-140 – 2006

VENCEDORES DO III CINE AVES 2021. Disponível em <<https://cineavescg.wixsite.com/cineaves>>. Acesso em 15.03.2022.

VENCEDORES DO II CINE AVES 2019. Disponível em <<https://cineavescg.wixsite.com/cineaves/c%C3%B3pia-in%C3%ADcio>>. Acesso em 15.03.2022.

Ilsyane Do Rocio Kmitta: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UU Amambai, MS. Brasil.

E-Mail: kmitta.sy@gmail.com

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5214439137135945>

Suzana Arakaki: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, Dourados, MS, Brasil

E-Mail: arakaki@uems.br

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5684559903452931>

Data de submissão: 31/03/2022

Data de recebimento de correções: 01/05/2022

Data do aceite: 01/05/2022

Avaliado anonimamente